



PESQUISA SOBRE O MOVIMENTO ANTIVACINA, REALIZADA NOS PROJETOS DE EXTENSÃO DO TÉCNICO DE ENFERMAGEM DO CEFET-RJ, DURANTE A PANDEMIA

RESEARCH ON THE ANTI-VACCINE MOVEMENT, CARRIED OUT IN THE EXTENSION PROJECTS OF THE NURSING TECHNICIAN OF CEFET-RJ, DURING THE PANDEMIC

Cristiane Rosa Magalhães - Doutora em Neuroimunologia pela Universidade Federal Fluminense-UFF e docente do curso Técnico de Enfermagem do Centro Federal de Educação Celso Suckow da Fonseca. CEFET/RJ. E-mail: magalhaescr@gmail.com

Fernanda Zerbinato Bispo Velasco - Mestre em Educação Profissional em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz/ Fiocruz e docente do curso Técnico de Enfermagem do CEFET/RJ. E-mail: fernanda.velasco@cefet-rj.br

Giulia Gabriella de Oliveira Pedroza - Discente do curso Técnico de Enfermagem do Centro Federal de Educação Celso Suckow da Fonseca. E-mail: giuliagabriella0203@gmail.com

Grazielle de Assis Rosa - Discente do curso de Biomedicina da Universidade Federal Fluminense-UFF. E-mail: grazielle_assis@id.uff.br

Melissa Germano Pereira Silvestre - Discente do curso Técnico de Enfermagem do Centro Federal de Educação Celso Suckow da Fonseca. E-mail: eumelissagermano@gmail.com

Isis Gracielle da Silva Batista - Discente do curso Técnico de Enfermagem do Centro Federal de Educação Celso Suckow da Fonseca. E-mail: isisgracielle@gmail.com

RESUMO

A vacinação é utilizada mundialmente como estratégia preventiva contra doenças infecciosas. No Brasil, desde a criação do Programa Nacional de Imunização (PNI), diversas dessas doenças foram erradicadas ou controladas, havendo também diminuição da mortalidade infantil. Apesar desses benefícios, a hesitação em se vacinar e/ou vacinar os filhos consiste em um fenômeno presente nas sociedades há tempos. Mas desde a equivocada associação entre a vacina tríplice viral e a ocorrência de transtorno do espectro autista, a confiança nos benefícios das vacinas em geral foi fortemente abalada, fazendo surgir um movimento antivacina. Tal movimento, agora, apresenta potencial mais agressivo em se difundir, pela facilidade com que as informações fluem de forma setorializada e sem rigor científico, através da internet. O objetivo deste trabalho é identificar e problematizar aspectos do movimento antivacina dentre indivíduos alcançados pelas redes sociais de dois projetos de extensão do curso Técnico em Enfermagem de uma escola federal em Nova Iguaçu. Foi aplicado um questionário virtual com perguntas fechadas sobre o ato de se vacinar/vacinar os filhos, efeitos colaterais das vacinas, medo de se vacinar, dentre outras questões. Foram obtidas 178 respostas, nas quais se identificou cerca de 19% de hesitação em se vacinar, que diminuía quando se tratava de vacinar filhos. A hesitação diminuía para 11% quando se tratava de vacinar-se contra a Covid-19. Entretanto, 3,9% associaram vacinação infantil com autismo. Esses achados demonstram que, apesar da expressividade do movimento antivacina nas redes sociais, grande parte dos entrevistados confia e anseia em se proteger de doenças através da vacinação.

Palavras-chave: Educação em saúde. Vacina. Extensão.

ABSTRACT

Vaccination is used worldwide as a preventive strategy against infectious diseases. In Brazil, since the creation of the National Immunization Program (PNI), several of these diseases have been eradicated or controlled, with a decrease in infant mortality. Despite these benefits, the hesitation to get vaccinated and / or vaccinate children has been a phenomenon that has been present in societies for some time. But since the mistaken association between the triple viral vaccine and the occurrence of autism spectrum disorder, confidence in the benefits of vaccines in general has been strongly shaken, giving rise to an anti-vaccine movement. This movement now has a more aggressive potential to spread, due to the ease with which information flows, in a sectorized way and without scientific rigor through the internet. The objective of this work was to identify, and to problematize, aspects of the anti-vaccine movement among individuals reached by social networks of two extension projects of the Nursing Technician course at a federal school in Nova Iguaçu. A virtual questionnaire was applied with closed questions about the act of vaccinating / vaccinating children, side effects of vaccines, fear of being vaccinated, among others. 178 responses were obtained, in which about 19% of hesitation in getting vaccinated was identified, which decreased when it came to vaccinating children. The hesitation decreased to 11% when it came to vaccinating against Covid-19. However, 3.9% associate infant vaccination with autism. These findings demonstrate that despite the expressiveness of the anti-vaccine movement on social networks, most respondents trust and wish to protect themselves from diseases through vaccination.

Keywords: Health education. Vaccine. Extension.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, abordaremos debates e questionamentos sobre a eficácia e a segurança da manipulação e aplicação das vacinas. Percebemos, nesse período de pandemia, onde aguardamos ansiosos por uma resposta da ciência em relação a uma vacina para o Covid-19, ressurgir o debate antivacina. Esses apontamentos começaram a ter destaque por volta de 1998, quando o médico britânico Andrew Wakefield publicou, na respeitada revista científica *The Lancet*, um artigo que afirmava a relação entre a vacina tríplice viral (que protege contra o sarampo, caxumba e rubéola) como causadora do autismo (PARREIRA *et al.*, 2020).

Essa publicação gerou grande revolta e medo, que permaneceram mesmo após a retratação do artigo pela *The Lancet* e a comprovação da quebra de decoro ético por Wakefield. Este pesquisador teve seu registro profissional cassado na Inglaterra e, mesmo com a constatação de que seu trabalho não trazia informações verídicas, o movimento antivacina ganhou força. Diante da visão equivocada, os defensores dessas teorias se valem de crenças e posicionamentos políticos para sedimentar conceitos que vão contra os preceitos científicos (DA COSTA *et al.*, 2020).

Destacamos que o advento das redes sociais e a propagação acelerada das informações falsas proporcionaram o crescimento desses grupos, que se colocam contra a ciência e enfraquecem a vacinação da população e a prevenção contra diversas patologias infectocontagiosas. Cabe destacar que se opor aos benefícios trazidos pelos imunobiológicos acaba influenciando negativamente o número final da cobertura vacinal.

Desta forma, evidenciamos que a vacinação é a maneira mais eficiente de se prevenir contra as doenças. E, no Brasil, a partir do surgimento do PNI (Programa Nacional de Imunização), a população passou a ter acesso a diversas vacinas no serviço público. Nesta área,

temos observado avanços tecnológicos, desde a introdução de novas vacinas até campanhas de vacinação, evidenciando o avanço de trabalhos de pesquisa nesta área de conhecimento. Assim, a imunização passa a ser uma prioridade do Estado brasileiro (PARREIRA *et al.*, 2020).

Com isso, se faz necessário incentivar os processos de educação em saúde junto à comunidade, a fim de elucidar os conceitos de saúde e da ciência para que, uma vez mais esclarecida, a população obtenha conhecimentos claros para o desenvolvimento de práticas de autocuidado e prevenção de doenças. Entende-se que as redes sociais cumprem um papel relevante na propagação de informações, entretanto, cabe refletir o que nos indica Costa *et al.* (2020) em relação a informações de saúde obtidas na internet.

A utilização de informações obtidas na internet é uma questão de saúde pública complexa e que merece atenção da sociedade como um todo, tendo em vista os potenciais efeitos e riscos relacionados ao uso destas informações. A facilidade no acesso e velocidade do tráfego de informações com a internet tem facilitado o consumo e disseminação de informações falsas e termos como *fake news*, pós-verdade e desinformação se tornaram populares. (COSTA *et al.*, 2020, p. 223).

Como apontam os autores, nem tudo que se fala a respeito de saúde na internet tem embasamento científico. Com isso, os profissionais de saúde devem ocupar cada vez mais os espaços virtuais com projetos que esclareçam a população a respeito de prevenção e cuidados em relação aos agravos de saúde. Sabemos que a comunidade busca conselheiros que, muitas vezes, não são autoridades na área, mas que agem como exemplos a serem seguidos e repassam notícias enviadas por amigos e familiares, sem checarem as fontes.

O trabalho de educação, neste momento de pandemia, é crucial, devemos elucidar os fatos para que o movimento antivacina não se expanda. Já observamos um decréscimo no número de vacinações em relação aos calendários vigentes o sarampo, doença imunoprevenível, volta a aumentar devido à hesitação vacinal. Os conceitos do movimento antivacina vão, aos poucos, ganhando força e cabe aos profissionais de saúde reverterem essa situação de desinformação.

Neste contexto, a partir dos trabalhos de extensão realizados de forma virtual, no período da pandemia, desenvolvemos um questionário, que foi submetido a esses grupos de extensão. O objetivo deste trabalho foi identificar e problematizar aspectos do movimento antivacina, dentre indivíduos alcançados pelas redes sociais, de dois projetos de extensão do curso Técnico em Enfermagem de uma escola federal em Nova Iguaçu. Consideramos relevante esta pesquisa, cujos resultados podem indicar a presença de conceitos antivacina nos grupos nos quais desenvolvemos nossas atividades. Dependendo dos resultados da pesquisa, intensificaremos as temáticas referentes às vacinas e traremos reflexões a respeito da sua importância para a saúde coletiva e para a prevenção de diversas doenças circulantes em nossa sociedade.

METODOLOGIA

Considerando a pandemia viral vivenciada e as diversas discussões acerca da vacinação como sendo solução a longo prazo para a pandemia, a iniciativa desse relatório emergiu a partir da observação de tal cenário. Sendo assim, foram utilizadas redes virtuais oriundas de projetos de extensão, pautadas na comunicação com gestantes, em sua maioria do Rio de Janeiro, e com responsáveis pelos alunos da Escola Municipal Marcílio Dias, no município de Nova Iguaçu, para a obtenção de informações sobre a opinião dessa comunidade.

Com o intuito de criar uma estrutura para este trabalho, duas docentes e quatro discentes do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), da unidade

descentralizada de Nova Iguaçu, reuniram-se com o auxílio de plataformas virtuais de sala de aula, para o planejamento desta pesquisa. Após análises, optou-se por realizar um questionário confeccionado no *Google forms* e que foi disponibilizado nas redes sociais vinculadas aos projetos de extensão em educação em saúde, desenvolvidos pelos discentes em formação do curso Técnico de Enfermagem.

Os projetos escolhidos realizam atividades educativas com gestantes, alunos da educação infantil e com seus responsáveis. Abrangem um total de 214 seguidores na página do *Instagram*, nomeada como @equipegestantes, e 123 adeptos no grupo do *Facebook* “Equipe Gestantes”, além dos 110 membros na página “Educação Infantil Acadêmicos”, somando um total de 447 seguidores. Ao longo desse período, foram desenvolvidas práticas de educação em saúde com a comunidade através das redes sociais. Trabalhamos temáticas referentes à pandemia, a doenças imunopreveníveis, importância das vacinas e temas relacionados aos grupos. Escolhemos esses grupos para submetermos o questionário, a fim de identificar a compreensão dos participantes a respeito de conceitos relacionados à imunização.

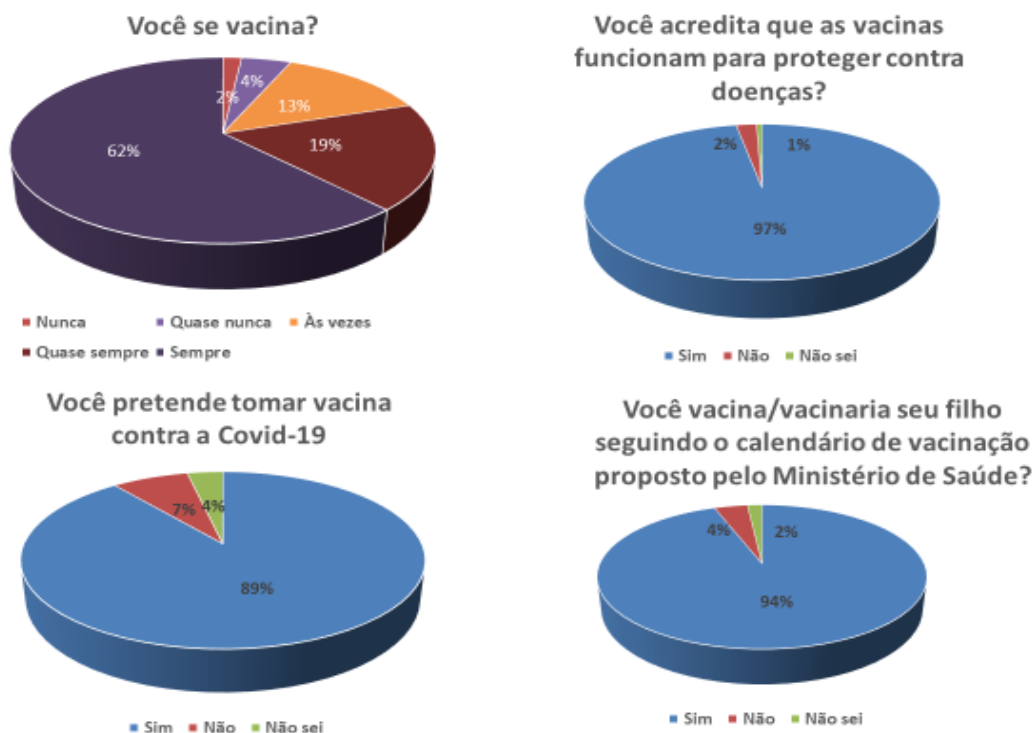
Esse trabalho teve como objetivo identificar e problematizar aspectos do movimento anti-vacina dentre indivíduos alcançados pelas redes sociais de dois projetos de extensão do curso Técnico em Enfermagem de uma escola federal em Nova Iguaçu. Nos questionários, coletamos dados a partir da visão dos indivíduos sobre vacinação e seus impactos, abordando um panorama que indica conceitos do movimento antivacina e quais argumentos são utilizados por esse grupo contra a forma de saúde preventiva.

Com o questionário, tivemos como objetivo mapear o crescimento da popularidade do movimento antivacina e seu sucesso em propagar as afamadas “*fake news*”. Assim sendo, em meio a quinze perguntas objetivas e fechadas, introduzimos a solicitação de dados que contemplam a dimensão demográfica, como nível de escolaridade, idade e sexo, a fim de visualizar os mais impactados com a disseminação de notícias inverídicas e, ainda, identificar quais estão mais presentes no imaginário da população.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa advêm de dados obtidos em um questionário submetido a dois grupos ligados aos projetos de extensão, desenvolvidos pelos alunos do curso Técnico de Enfermagem do Cefet/RJ Uned-NI. Esses grupos ocorrem de forma virtual no *Instagram* e *Facebook*, onde estão sendo postados conteúdos de educação em saúde. Entre essas temáticas, abordamos questões referentes ao processo de imunização.

Os questionários foram submetidos a esses grupos, e tivemos 178 respostas. Os participantes não foram identificados, sendo a maioria dos respondentes do sexo feminino (67,1%), a faixa etária vai de 17 a maiores de 51 anos. Com relação à escolaridade, a maior parte dos respondentes possui ensino médio (43,1%), seguidos dos participantes com ensino superior (24,3%) e 26,6% correspondem aos participantes com ensino fundamental. O questionário buscou identificar o conhecimento dos indivíduos desses grupos a respeito das vacinas.

Figura 1- Gráficos com as percepções sobre a importância das vacinas.

Fonte: Autores.

Nos gráficos representados na figura 1, apresentamos resultados referentes à percepção dos participantes em relação à importância das vacinas, em que questionamos se eles se vacinam, se vacinam seus filhos e se desejam se vacinar contra a Covid-19. Como resposta aos questionamentos, obtivemos, em sua maior parte, respostas positivas. A maioria dos respondentes se mostra adepta à utilização dos imunobiológicos e diz que se vacina, vacina seus filhos e pretende se vacinar contra a Covid-19. Destacamos que as respostas evidenciam a importância do Programa Nacional de Imunização no Brasil (PNI). “O PNI brasileiro é reconhecido como referência mundial pela Organização Mundial de Saúde (OMS), uma vez que se consolidou como relevante programa de saúde pública, por colaborar nas diminuições das taxas de morbidade e mortalidade por doenças imunopreveníveis” (NASCIMENTO *et al.*, 2020, p. 2).

É importante ressaltar que a imunização é considerada uma intervenção em saúde que consegue atingir muitas pessoas e que minimiza diversos problemas de saúde pública, pois, através das vacinas, ocorre a prevenção de diversas doenças infecciosas, sobretudo na infância (HORBE *et al.*, 2020).

Com estes dados, também destacamos a importância desse programa para o acesso igualitário dos brasileiros à vacinação. Com a produção, distribuição e administração dos imunobiológicos no Sistema Único de Saúde, destacamos o princípio da universalidade do sistema público. Nesta prerrogativa, a população sem distinção passa a ter acesso às vacinas.

Neste período de pandemia, a vacinação torna-se uma esperança para a população, que vislumbra a possibilidade de se prevenir contra o vírus e minimizar o momento difícil que atinge a população mundial. Desta maneira, achamos que este seja o momento de se resgatarmos orientações, por parte dos profissionais de saúde, a fim de explicar a ação das vacinas e a sua importância para a saúde da população.

Neste cenário, destacamos a atuação dos Técnicos de Enfermagem do Cefet/RJ, alunos que, de forma virtual, realizam educação em saúde com os respondentes desta pesquisa. Acreditamos que esses discentes em formação devam ressaltar os aspectos dos procedimentos científicos e imunobiológicos, enfatizando sempre a sua eficácia e segurança.

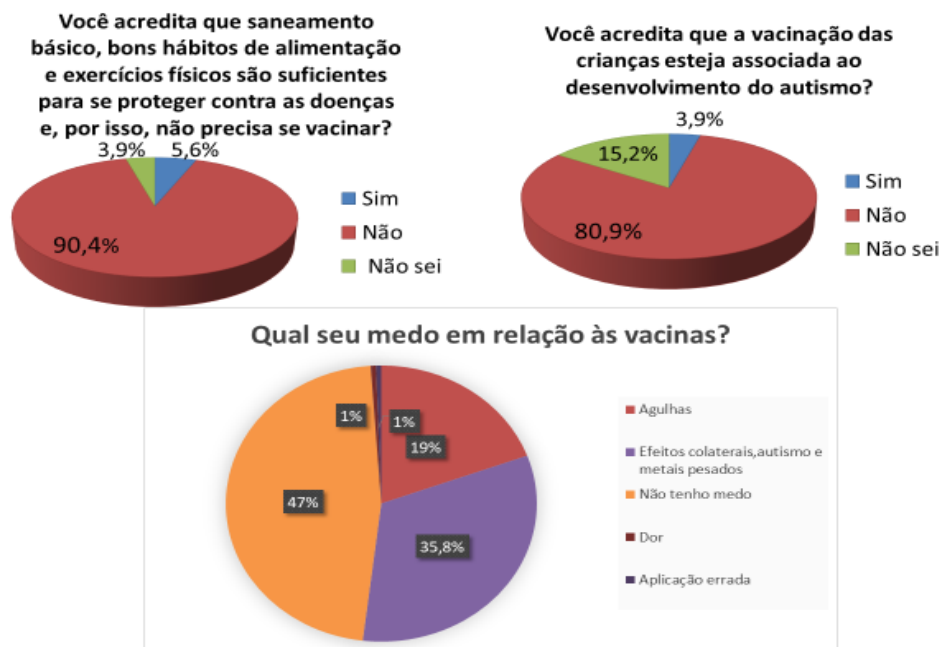
Vale ressaltar o que nos aponta Nascimento *et al.* em relação ao reconhecimento estratégico do acesso da população ao Programa Nacional de Imunização.

O reconhecimento estratégico desses problemas por parte das equipes de saúde confere a necessidade de trabalhar com intervenções de educação em saúde, principalmente com genitores, objetivando assim uma inserção da população no seu autocuidado e nos cuidados dos seus entes familiares, fortalecendo com isso a promoção em saúde (NASCIMENTO *et al.*, 2020, p. 4).

Os autores nos indicam que o processo de educação em saúde é de extrema relevância para ressaltarmos a importância das vacinas para a saúde da população e, principalmente, para os genitores. Os técnicos em formação orientam pais de alunos e gestantes, e, desta forma, vão disseminando conceitos científicos, favorecendo a confiança da população nos calendários vacinais.

Vale destacar que a imunização é uma das ações mais efetivas e seguras, que gera proteção individual e coletiva através de uma imunidade ativa. Os benefícios observados no programa de imunização estão ligados às altas taxas de coberturas vacinais e na igualdade de acesso que só o sistema público de saúde é capaz de ofertar (NASCIMENTO *et al.*, 2020). A figura 2 apresenta que os ideários do movimento antivacina também se fizeram presentes na pesquisa.

Figura 2- Gráficos referentes aos conceitos antivacina.



Fonte: Autores.

Nos gráficos representados na figura 2, apresentamos resultados referentes aos conceitos do movimento antivacina que surgem no questionário aplicado aos grupos participantes das ações de extensão. Com relação ao questionamento se o saneamento básico, os bons hábitos alimentares e exercícios físicos são suficientes para se proteger contra as doenças, e por isso não seria necessário a vacinação, 9,5% disseram que sim ou que não sabiam. Ao encontrarmos

essas respostas, entendemos uma narrativa do movimento antivacina que se comprova através de estudos realizados na Espanha. Nascimento *et al.* destacam alguns pontos a esse respeito.

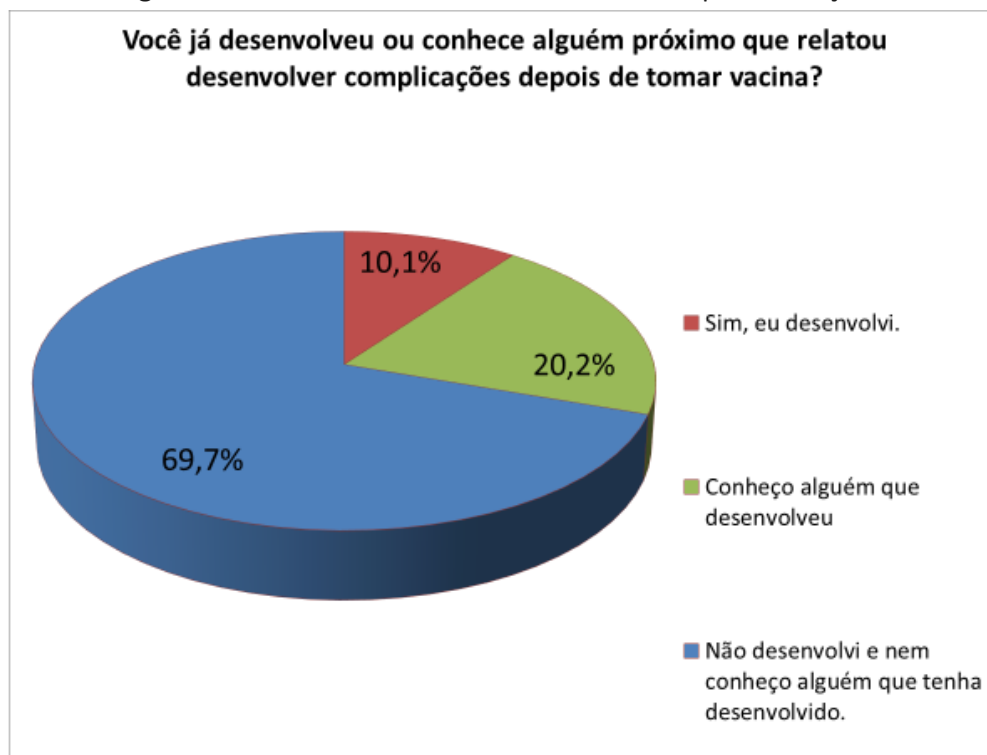
A pesquisa realizada na Espanha afirma que o principal motivo da rejeição a vacinação é o chamado estilo de vida natural, os pais divulgam que acreditam em outras medidas preventivas para as doenças imunopreveníveis como dieta natural, ar fresco, saneamento básico, práticas de exercícios dentre outras medidas que podem proteger seus filhos sem que seja necessário a vacinação. (NASCIMENTO *et al.*, 2020, p. 4).

Os autores indicam que alguns indivíduos já passam a acreditar que hábitos saudáveis e algumas políticas públicas já seriam suficientes para evitar a propagação de doenças infecciosas imunopreveníveis, porém, sabemos que as vacinas são de extrema relevância para erradicar patologias infecciosas e gerar imunidade individual e coletiva, juntamente com políticas públicas (Saneamento Básico) que, em conjunto, vão melhorar as condições de saúde coletiva.

Essa questão é relevante quando falamos da vacinação das crianças, pois, com o crescimento desse movimento antivacina nas mídias sociais na Europa e no continente americano, estamos observando surtos de doenças imunopreveníveis em outros momentos já controladas, tal como o sarampo. Sabe-se que esse movimento atrela a vacina do sarampo ao autismo e já se percebe um pouco dessa influência sobre a população, quando 3,9% dos entrevistados respondem sim para a associação da vacinação de crianças com o autismo. (NÓVOA *et al.*, 2020).

Outra questão que aparece de forma preocupante é quando perguntamos qual é o seu medo em relação às vacinas? E 35,8% dos respondentes indicaram os efeitos colaterais, os componentes vacinais e o autismo como os seus maiores medos. Ressaltamos que esses conceitos reforçam que as ideias propagadas pelo movimento antivacina estão presentes na sociedade e se propagam rapidamente nas mídias sociais.

Esse movimento não apresenta embasamento científico em suas argumentações, porém consegue propagar seus conceitos junto à população. “Essa hesitação vacinal é um episódio complexo que varia no tempo, lugares e tipos de vacinas e os motivos de recusa, bem como executar intervenções eficazes de comunicação para encarar as falhas na confiança em vacinas”. (NASCIMENTO *et al.*, 2020). Nesta abordagem, cabe aos profissionais de saúde e às políticas públicas em saúde intensificarem ações de educação para minimizar essa hesitação vacinal.

Figura 3 - Dados referentes aos efeitos colaterais pós-vacinação.

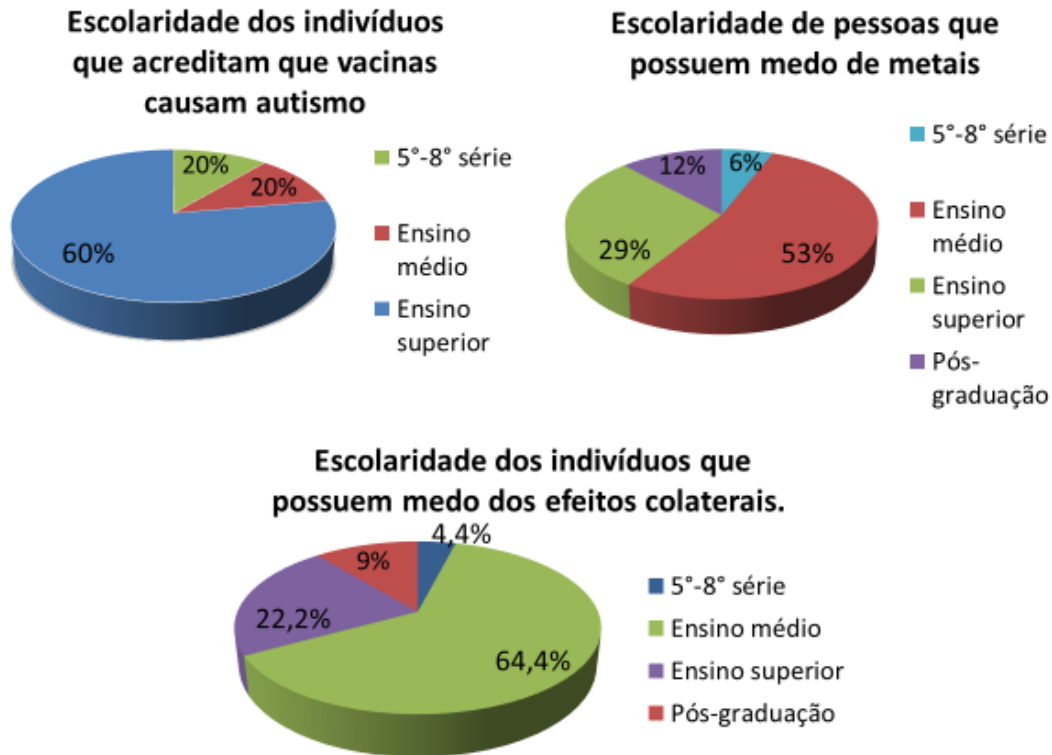
Fonte: Autores.

Nesta abordagem representada na figura 3, notamos que 30,3% dos respondentes informam que já desenvolveram complicações ou conhecem alguém que tenham desenvolvido. Essas complicações estão muito relacionadas aos efeitos colaterais, que acabam se tornando empecilhos para adesão aos esquemas vacinais. Muitos possuem preocupação com os eventos adversos pós-vacinação, tais como dor, febre, rubor, calor e outros efeitos não esperados. Nesse momento é que entra a participação efetiva dos profissionais de saúde.

Quanto mais informações a população obtiver em relação aos efeitos colaterais, a composição, a conservação e linha de produção dos imunobiológicos, mais segurança ela terá em receber as vacinas. Com as medidas educativas, se reduz a ansiedade e se fortalece o PNI, programa de extrema relevância para a saúde coletiva no nosso país.

Com esses resultados, também percebemos o caminho que devemos seguir em projetos de extensão junto à comunidade próxima à nossa Instituição de ensino. Devemos fortalecer a educação em saúde para que o sistema público e o PNI sejam cada vez mais valorizados e utilizados sem medo pela população.

Figura 4 - Dados que comparam a escolaridade dos respondentes e os conceitos do movimento antivacina.



Fonte: Autores.

Na figura 4, temos um comparativo entre a escolaridade dos respondentes e os conceitos que surgiram do movimento antivacina. Percebemos que, em relação ao autismo, como efeito adverso da vacinação, a maioria dos respondentes que indicaram essa opção possui ensino superior; ao passo que, em relação ao temor quanto à presença de mercúrio e outros materiais pesados na composição dos imunobiológicos, que, segundo o movimento antivacina, geraria riscos à saúde, a maioria dos respondentes possui ensino médio. Com relação aos temores quanto aos efeitos colaterais, a maioria também possui o ensino médio (GABARDO, 2020).

Os resultados apresentados nesses gráficos corroboram estudos realizados em Portugal que indicavam que “os pais que se recusaram a vacinar seus filhos tinham um nível de escolaridade mais elevado” (NASCIMENTO, 2020). Desta forma, os dados da presente pesquisa também apontam que os respondentes com ensino médio e ensino superior são a maioria quando as respostas expressam os conceitos do movimento antivacina.

Destacamos que a baixa escolaridade não é um fator preponderante para a não adesão aos programas de imunização, mas sim as informações disponíveis principalmente nas redes sociais, que enfatizam que os indivíduos devem ser livres para aderirem ou não as vacinações, indicadas pelo PNI. Esse movimento sempre coloca em destaque os possíveis riscos dos imunobiológicos para a saúde da população. Começamos a vivenciar um momento de desvalorização das vacinas e de sua importância para a saúde coletiva.

Percebemos que essa preocupação com os efeitos adversos acaba contribuindo com a não adesão à vacinação. A população tem se utilizado de informações sem fundamentação científica que ocorrem através das redes sociais, esses conceitos antivacina são veiculados

por amigos ou pessoas famosas que acabam influenciando a forma de pensar das pessoas (BELTRÃO, 2020). “A hesitação em vacinar é uma entidade complexa, dinâmica e de amplo espectro, desde a aceitação em vacinar com incertezas até a recusa total inequívoca” (FONSECA, 2018, p. 2).

A partir desses dados, reforçamos que os profissionais de saúde, principalmente aqueles envolvidos com a área de imunização, devem realizar uma busca ativa de dados referentes a essa hesitação vacinal. O maior conhecimento a respeito dessas questões pode permitir uma intervenção mais eficaz junto à comunidade (FONSECA, 2018).

Os resultados desta pesquisa ressaltam que os projetos de extensão que realizam atividades de educação em saúde nas redes sociais de internet ligados ao Cefet/RJ devem reforçar as temáticas referentes à composição, produção, conservação e ação dos imunobiológicos, reforçando também, junto aos alunos do Técnico de Enfermagem, o compromisso com a propagação de informações claras e de fácil acesso à população leiga.

Ressaltamos que sempre devem ser respeitados os preceitos científicos e se deve atentar para a importância do Programa Nacional de Imunização (PNI), junto à saúde coletiva. É de extrema importância que jovens em formação compreendam a importância de combater informações falsas que possam prejudicar a saúde da população. E de forma intensa devem propagar conceitos opostos aos disseminados pelo movimento antivacina, através de ações educativas sérias e comprometidas com a verdade científica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isto posto, decorrida a análise, observa-se o quão imprescindível é a atuação dos profissionais nas ações de educação em saúde e conscientização da comunidade, sendo esta a forma mais viável de combater a propagação de notícias inverídicas e nocivas à saúde pública. Em paralelo a isso, utilizar-se do atual contexto pandêmico para transmitir a importância da vacinação é uma estratégia favorável.

Nesse ínterim, o relato nos indica a significância do PNI e do Serviço Único de Saúde (SUS) para a manutenção de uma sociedade saudável e funcional, afinal, a saúde preventiva realizada por esses serviços garante a erradicação e o controle de diversas doenças.

Com isso, é preciso reforçar a necessidade de investimentos nessa área, com verbas para pesquisa e estudos em setores primários da saúde, em que se realizem projetos de conscientização capazes de garantir o direito à saúde preventiva, pois, uma vez que esse conhecimento científico alcança a população, essa passará a compreender a importância do ato de se vacinar.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Renata Paula Lema *et al.* Perigo do movimento antivacina: análise epidemiológica do movimento antivacinação no Brasil. **REAS/EJCH**, v. 12, n. 6, 2020.

COSTA, Bianca Barros da *et al.* O movimento antivacina do *Youtube* nos tempos de pós-verdade: educação em saúde ou desinformação? **Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 14, n. 1, jan./abr. 2020.

FONSECA, Margarida Silva *et al.* Recusa da vacinação em área urbana do norte de Portugal. **Scientia Médica**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, 2018.

GABARDO, Beatriz Almeida; MORAIS, Wanderson Rodrigues. O funcionamento discursivo em processos de identificação e laço social em discursos de divulgação científica: movimento antivacina. **Revista do EDICC**, v. 6, 2020.

HORBE, Betina Perreira *et al.* Rede pública versus rede privada de imunização: comparações e atribuições da enfermagem. **Research, Society e Development**, v. 9, n. 5, 2020.

NASCIMENTO, Lília Costa; CAVALCANTI, Dilma da Cunha; SILVA, Miriam Maria Mota. Atuação da enfermagem na compreensão dos genitores acerca da importância da imunização infantil: revisão integrativa. **Rev. Bras. Educ. Saúde**, v. 10, n. 3, p. 115-120, jul./set. 2020.

NÓVOA, Thaís D'Avila *et al.* Cobertura vacinal do Programa Nacional de Imunização. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 4, jul./aug. 2020.

PARREIRA, Adriano Guimaraes; SOUZA, Hernane Dias; BESSA, Allan Morais. Imunologia na escola: promoção do debate acerca da vacinação. **Expressa Extensão**, Pelotas, v. 25, n. 2, p. 68-79, 2020.

Data de recebimento: 18/09/2020

Data de aceite para publicação: 16/11/2020